

VIMARANENSE

PUBLICA-SE AS SEGUNDAS E QUINTAS-FEIRAS

Preço da assignatura

Por anno sem estampilha.....	1\$600 reis
Por semestre sem estampilha.....	900 »
Anno com estampilha.....	2\$000 »
Estrangeiro (por anno).....	7\$000 »
Numero avulso.....	40 »

REDACTOR, PROPRIETARIO E EDITOR

GERMÃO AUGUSTO DOS SANTOS GUIMARÃES

Redacção, administração e typographia rua de Santa Maria

Annuncios e communicados

Por cada linha..... 30 reis
Repetições, cada linha..... 20 »
A assignatura é paga adiantada.
Os escriptos enviados á redacção sem o não publicados não se restitua m.

Guimarães, 21 de Janeiro de 1900

LUMES DE PAU

A companhia dos phosphoros é um novo poder do Estado. Faz o que quer, o que muito ben. lhe parece, e não ha quem lhe tire contas do seu procedimento, e da falta de cumprimento das obrigações, que tem para com o publico.

Apanhou o monopolio, explora-o como mais lhe convém. Procura sómente os seus interesses, e o publico que se arranje, porque o publico é um anonymo que não merece a attenção de ninguém.

E, n'este andar, a companhia faz o que quer. E, dentro em pouco, mandanos enforcar, pois, para mais e muito mais tem ella força e poderes. E' um verdadeiro poder do Estado. Para ella não ha lei nem considerações. O seu negocio é a suprema lei!

E o publico vae soffrendo, soffrendo, até que um dia se desengane, e se resolva a proceder. Tudo tem limites.

A companhia é obriga-

da a ter no mercado—lumes de pau,—os lumes baratos, dos que usa o pobre, e que mais em uso estão entre o nosso povo das aldeias.

Pois não os tem. Não os quer ter. E ella é quem manda. Acima d'ella ninguém E' um facto. E não precisa de provas.

E é por isso, que ella traz enxameada o paiz de agentes, que fazem tudo quanto lhes dá na cabeça, e que não fazem mais e peor, por não o terem querido fazer. Se o fizerem, ninguém lhes tirará contas d'isso, porque são agentes d'um dos poderes do Estado, que não tem a quem dar satisfações. E' assim que ella se considera. E é assim que ella procede.

Não ha no mercado lumes de pau. A companhia não os quer ter, e ninguém lhe pede contas de tal falta, e grandissimo abuso.

E em os não ter, é que os seus agentes fazem os melhores interesses

Não ha dia em que não prendam homens, mulheres, creanças, a pretexto de venderem lumes de pau, e até de comprar lumes de

pau. E prendem, os taes agentes!

E d'onde lhes vem tanta força? De serem agentes de um tão alto poder do Estado, que não quer vender lumes de pau, e que persegue toda a gente por fazer o que ella não quer fazer. Ponha no mercado lumes de pau por que a companhia tem restricta obrigação de o fazer.

Temos ouvido algumas vezes umas caraminholas, a respeito de perseguições e não sabemos que mais, dos tempos dos governos absolutos. Qual historia? O que se passa com a fiscalisação dos lumes de pau, feita por agentes «de carne», excede tudo quanto possa imaginar-se de revoltante!

Um pobre velho, um mendigo qualquer, por exemplo, «petisca» um lume de pau. Os agentes dão pelo—crime horrendo—o desgraçado é logo preso, e lá vae a caninho do calvario, levado por taes «auctoridades», e, ou paga ou vae para a cadeia!

Ora francamente, quem deu auctoridade a taes «cavalheiros» para fazer prisões? A que lei vão

buscar esse grandioso abuso? Mas prendem, e lá vae o desgraçado, que elles apanharão á unha, para a cadeia, se não tiver pelle para largar. E isto dá-se todos os dias.

Nos tempos do absolutismo não havia d'isto. Prendia-se, sim, mas em nome da lei, e dentro da lei. A lei não seria boa. Mas em todo o caso era lei. Agora não. Para ser preso é bastante que os agentes da tal companhia, se lembrem de atirar com «um lume de pau» ao bolso de quem quer que vá passando, que—fica-se logo arranjado! E não ha apellação nem agravo! Ou paga a multa—dous mil e tanto—se os lumes não passarem de duas duzias, ou cadeia.

E agora nos lembramos nós. E com que auctoridade o sr. director da cadeia recebe os inquilinos, que lá lhe levam taes agentes fiscaes?

Julgamos que o assumpto reclama serio estudo por parte das auctoridades. Nós não estamos no tempo do «cordel». E, além d'isso, o que se está passando é tão extraordinário,

que não deve consentir-se por mais tempo.

Fiscalise se, mas não se abuse. E' o que é preciso, e o que nós queremos.

Mas, para se poder fazer isso, é indispensavel que a companhia cumpra. Sem isso, tudo o mais é arbitrariedade revoltante.

Pelo estrangeiro

(CONCLUSÃO)

Se um exercito disciplinado é batido por um bando de «selvagens», para que servem então os exercitos permanentes? Para ostentação de força não, certamente.

O governo inglez logo que rebentou a guerra contra o Transvaal apressou-se a enviar para Africa os regimentos de tradições mais gloriosas. Entre esses, foram os famosos granadeiros da guarda, os «coldstream», a guarda escocesa e a guarda negra ou regimento do «Black Watch».

Os grandes ganharam o seu titulo em Waterloo vencendo os granadeiros francezes. A sua fama provém dos campos de batalha de Blenheim, Samillies, Oudenard e Maphaquet (guerra da Successão de 1709 a 1713) das guerras de Hespanha e da Criméa, Snakim e Teb-Kibir no Egypto.

cilas, achá-se muitas vezes perplexo, porque as linhas da terra lhe precisam que fiquem cobertas pela neve. Nesta só se observam rastros de forças que o conduzirão, não aos logares que deseja, senão a suas maltrigueiras.

A vila, durante este tempo, concentra-se em casa, e à beira do fogo passam-se os dias chuvosos, as festas interminaveis. Ali se recordam, vendo as chaminas que oscilam e se estendem produzindo phantasticas sombras, os séres perdidos, os gozos da juventude, os annos, que povoaram de rugas a fronte, e de espinhos o coração.

(Continua).

RUY BRUNERO.

FOLHETIM

O INVERNO

que hontem foi louçania, encanto dos sentidos, exuberancia da vida, prodigio de cor, ao assumir o inverno torna-se monótono, aspero, triste.

Ao vér os campos ermos, as arvores nuas, os montes sem flôres, os dias sem o azulado céu, o lavrador encerra-se em sua vivenda, e allí, junto ao lar, deixa transcorrer o tempo, o tempo que ajudará à terra a recobrar as galas perdidas.

Entretanto, para dar um caracter mais funebre, o inverno envolve as searas e planicies n'um manto de arminho... Tanta brancura cansa a vista, e aquella egualdade, que occulta as asperezas do terreno, fadiga e entontece o espirito.

A neve é o salario que envolve a morta natureza. sudario que se tinge de amarelenta palidez, de palidez de cadaver, se um raio de sol rasga as pardacentas nuvens e chega até ao chão.

Não se ouvem rumores de arvores, nem harmonias de cantos, nem ternuras amorosas; só se percebe o sibilar do vento ao ferir o esqueleto das arvores, as notas wagnerianas da tempestade, os queixumes da poderosa azi-

nheira e do herculeo róbic ao ser despejado pela tempestade.

As aves só se atrevem a sair dos seus ninhos quando lhes aperta a fome, não deixando escutar, ao menos, as suas melódicas symphonias, senão o lastimoso pio, pio, que infunde tristeza... Veem-se, como moriveis nodos pretas, saltar sobre a neve buscando alguma coisa para seu sustento, e o mais que encontram é um grão de trigo entre os resquícios d'alga alpina, ou entre as plantas collocadas sob o alfeizar d'uma janella. Muitas d'ellas, pobresinhas! vemol-as mu juntinhas umas contra as outras, prestando-se um mutuo calorinho, entre as gretas de velhas paredes. Quando se lhes esgota o

arsenal de provisões, sahem de novo a munir o; todas não voltam, porque a alguma, ai! a geada lhe tira a vida, e seus funeraes são cantados ao ar livre pelas suas companheiras... Allí, estendido sob o branco lençol de neve, vê-se o corpo inerte da infeliz, e ao redor d'ella revoltam, quando isto acontece, uns quantos passarinhos cujos gorgeios contristam. São talvez dedicados pelo pae até ao filho, pela esposa até ao esposo, pelo amigo até ao amigo... De repente estendem as azas e remontam-se ao espaço, abandonando o cadaver, que parece como um borrão de tinta sobre a immaculada planície.

O caminhante, que em tal epocha se vê na precisão de atravessar veredas descohe-

A MODA D'HOJE

Importante jornal de familias, que se publica no Porto nas vezes por mez, sob a direcção artistica dos srs. Adriano Grante e Arthur Guimarães. E' uma excellente publicação que aconselhamos aos chefes de familia.

Assigna-se na rua do Barão de S. Cosme, 45—Porto.

A Nova Collecção Popular

ADOLPHE D'ENNER

A Filha do Condemnado

Grande romance d'aventuras e de lagrimas

Illustrado com 200 gravuras de MEYER

BRINDES A TODOS OS ASSIGNANTES

O mais trago e emocionante dos romances até hoje publicados por esta empresa! Grande drama de amor, de ciúme e de abnegação! Luctas terríveis com a natureza e com os homens através de paizes longinquos e mysteriosos!

A assignatura nas provincias é feita aos tomos mensaes de 15 folhas e 15 gravuras pelo modico preço de 300 reis.

Recebem-se assignaturas para esta obra na antiga casa Lemos, á Porta da Villa, d'esta cidade

O Jornal de Romances

O primeiro n'este genero em Portugal, preço de cada numero 20 rs. Publica-se aos domingos. Redacção, rua de D. Pedro, 178—Porto.

MERCEARIA E SABOARIA

DE

José Francisco da Silva Reis

14--RUA DE CAMÕES--18

Guimarães

A CARA de abrir-se ao publico este novo estabelecimento de mercearia e saboaria, na rua de Camões, (ás Laginhas), onde encontrarão a venda os seus amigos e freguezes, um variadissimo sortido de generos alimentares e demais artigos que dizem respeito a este ramo de negocio. Tambem encontrarão alli magnificos vinhos finos e de meza, assim como sabão recebido directamente das principaes fabricas de Lisboa e Porto

ARNALDO PEREIRA

"Lagrimas d'alma,"

(PRIMEIROS VERSOS)

Brevemente

Empreza editora do
"Occidente,"
LISBOA

O DICIONARIO DAS SEIS LINGUAS

Obra unica no genero, indis pensavel ao commercio, á industria, ás corporações diplomaticas e consulares, aos tabeliães, escriptvães, advogados, aos estudantes de todos os paizes, etc.

Francéz, Allemão, Inglez, Hespanhol, Italiano e Portuguez

O Dicionario das seis linguas fórma um só volume e publica-se em cadernetas semanaes de 16 paginas.

Preço de cada caderneta 30 reis, e preço da assignatura com porte do correio, (pagamento adiantado):

Para as provincias do continente, Açores e Africa portugueza: Series de 5 cadernetas, 150 e 20 reis de porte—Series de 10 cadernetas, 300 e 30 reis de porte—Series de 20 cadernetas, 600 e 60 reis de porte—Assignatura por obra completa, 2500 e 240 reis de porte. Moeda forte.

Assigna-se na empresa do "Occidente"—Largo do Paço Novo—Lisboa—No Porto—Centro de Publicações de Arnaldo Soares—P. de D. Pedro, e em todas as livrarias de Coimbra, e Guimarães.

"Os Aventureiros do Crime,"

Grande romance de aventuras amorosas, com esplendidas illustrações, 30 reis por semana.

Dois brindes a cada assignante—Uma duzia de retratos no fim do 1.º volume—Um magnifico relógio de despertador, no fim da obra.

Nota importante—A duzia de retratos será entregue ao assignante mediante a apresentação do 1.º volume e o relógio mediante a apresentação da obra completa.

Todas as semanas sae uma caderneta maravilhosamente illustrada, com 16 paginas, pelo preço da 40 reis por semana.

Os pedidos devem ser feitos, á casa editora—Bibliotheca Social Operaria—Rua de S. Luiz—LISBOA.

A GARANTONHA

SEMANARIO ILLUSTRADO POR

Celso Herminio

Apparece aos sabbados com caricaturas extraordinarias de verve—Actualidades—Retratos de "cha ge,"—Gravuras—Chronicas, etc. ASSIGNATURA, 6 MEZES 600 REIS

Gerente—Decio Carneiro

Redacção e administração—Rua das Gaveas, n.º 16
1.º—Lisboa.

EUGENIO SUE

Os dramas dos engeitados

E' a publicação mais barata no seu genero. Cada fasciculo de 24 paginas com 3 gravuras, 50 reis. Cada volume de 120 paginas com 15 gravuras, 250 reis.

Libanoff & Companhia, editores, rua do Norte, n.º 45—Lisboa e em Braga, na Livraria Central de Laurindo Costa.

O OCCIDENTE

Excellente revista quinzenal illustrada de Portugal e do estrangeiro. Assigna-se em Lisboa.

O Desenho sem Mestre

Preço avulso 60 reis—Anno 24 numeros 1:200 reis

Vende-se nas principaes papelarias e livrarias de Lisboa e Porto

Assigna-se na lithographia de Castro & Comp.ª, Largo da Magdalena, n.º 1, e em Campolide—LISBOA. Pedidos a

ERNESTO DE SPABRA.